



Academia Educar 2019:

Aprendizados e
descobertas
dos monitores juvenis



Fundação
EDUCAR | Academia Educar

Expediente

COORDENAÇÃO EDITORIAL

Fundação Educar DPaschoal

REDAÇÃO

Beatriz Feitoza Rodrigues de Araújo

Camilla Pompermayer Sant'anna

Érika dos Santos de Jesus

Esthefani Ruivo Araújo

Giovanna Eloisa Brito Gondim

Giovanna Rosa dos Santos Marques

Henrique Marques Bazoti

Kaline Nirielle Justino Alves de Melo Gomes

Matheus Gonçalves de Azevedo

Mickaelly Thamires Cesar Silva

AGRADECIMENTO ESPECIAL

Equipe Fundação Educar 2019

Jovens, educadores e parceiros da Academia Educar
2019

Tatiana Borlote Varanda

Wagner Galesco Novaes

REVISÃO DE TEXTO

Sâmia Rios

PROJETO GRÁFICO

Luis Felipe Bassan

REALIZAÇÃO

Fundação Educar DPaschoal

www.educardpaschoal.org.br

(19) 3728-8208

Dedicamos esta publicação a todos os monitores, jovens, educadores e parceiros que, juntos fizeram a **Academia Educar 2019** acontecer com energia, compromisso, resiliência e muita transformação!



Apresentação

A Fundação Educar DPaschoal foi instituída em 1989, com o objetivo de promover a educação para a cidadania como estratégia de transformação social, gerando valor compartilhado nas comunidades brasileiras. Atua em três principais eixos: o Educar para Ler, o Educar para o Protagonismo e o Cooperando com o Social.

Dentre as iniciativas do Educar para o Protagonismo, há 30 anos, nasceu a Academia Educar, que tem por objetivo criar oportunidades para que jovens descubram seu potencial e sejam capazes de escrever a sua própria história e contribuam para transformar a realidade, atuando de forma protagonista e cidadã na sociedade.

O projeto, que acontece de jovem para jovem, é baseado no conceito de protagonismo juvenil, desenvolvido pelo professor Antonio Carlos Gomes da Costa - no livro *Protagonismo Juvenil – adolescência, educação e participação democrática*, e nos Quatro Pilares da Educação: Aprender a Ser, Aprender a Conviver, Aprender a Aprender e Aprender a Fazer, abordagem consagrada pela UNESCO no relatório *Educação do século 21: Um tesouro a descobrir*.



Aplicado como ferramenta educativa, o protagonismo juvenil oferece espaço e condições para o desenvolvimento das competências socioemocionais, fundamentais para a vida toda. Em 2019, os monitores da Academia Educar tiveram uma experiência diferente, pois o formato sofreu uma grande mudança. Ao contrário dos últimos cinco anos, em que a Academia firmava parceria com vinte escolas e selecionava cinco jovens de cada escola para ir duas vezes por semana ao prédio da DPK e participar das oficinas e dos projetos-desafios, na edição de 2019, a Academia Educar foi para a escola. Além de atuar na condução das atividades dentro da escola, os monitores de 2019 também participaram como facilitadores de uma edição especial da Academia Educar, desenvolvida exclusivamente para jovens em situação de acolhimento. Essa experiência foi inédita e gerou transformação em todos.

Assim, a mudança de lugar da Academia e a edição especial trouxeram uma série de aprendizados, que os monitores resolveram compartilhar nessa publicação.



A Academia Educar

A Academia Educar existe há 30 anos e, desde 2002, acontece de jovem para jovem, ou seja, são jovens que já passaram pelo projeto que facilitam o desenvolvimento dos novos jovens, e esse processo é chamado de monitoria.

Nós, os 10 monitores de 2019, fomos convidados e aceitamos prontamente o desafio de multiplicar tudo o que aprendemos. No início, estávamos ansiosos e com receio de não darmos conta de implantar o projeto nas escolas, mas, aos poucos, percebemos o quanto somos potentes e agentes de mudança.

A Academia é um lugar incrível, que possibilita, através do protagonismo juvenil e da cidadania, a autodescoberta, a oportunidade de convivência e de resolução de conflitos, a solução de problemas reais com resiliência, criatividade, comunicação e muita vontade de

mudar o mundo.

A jornada da Academia 2019 nas escolas aconteceu no período de maio a novembro, duas vezes por semana, com 25 oficinas e 3 Projetos-desafios, totalizando 233 horas de desenvolvimento em protagonismo juvenil, competências socioemocionais e cidadania. Iniciamos o ano com 58 jovens e concluímos com 40 jovens e 10 monitores.

Também vivenciamos o projeto com adolescentes em situação de acolhimento, quinzenalmente, de abril a dezembro, totalizando 64 horas de trabalho. Quinze adolescentes iniciaram a jornada, e dez concluíram.





2019 *Aqui, um pouco do nosso ano!*



Os incomodados
QUE MUDEM
O mundo



Escola Estadual Jardim Marisa

Por:

- Camilla** Pompermayer Sant'anna, 16 anos.
- Kaline Nirielle** Justino Alves Melo Gomes, 16 anos.
- Giovanna Eloisa** Brito Gondim, 15 anos.
- Matheus** Gonçalves de Azevedo, 16 anos.
- Mickaelly Thamires** Cesar Silva, 15 anos.



No começo, sabíamos que “o Marisa” seria uma escola desafiadora, já que está localizada em um bairro onde a realidade é de muita vulnerabilidade social. Um lugar em que a violência está muito presente, com grande influência do uso de drogas e pobreza. Além disso, muitas crianças e jovens crescem com a falta de esperança em si mesmos e no próximo, o que afeta seu desenvolvimento pessoal e escolar. Nesse contexto, nosso papel era desenvolver, num grupo de 20 a 30 jovens, o protagonismo, as competências sociomocionais e a cidadania. Parece fácil, não é? Mas não foi bem assim.

Tudo começou quando divulgamos o projeto para os estudantes que se enquadram na faixa etária entre 13 e 16 anos e os convidamos para a seleção. Nossa busca era por jovens que tivessem interesse e vontade de desenvolver o protagonismo, as competências socioemocionais e participar da escola e da comunidade. A sala para a seleção estava cheia, mas, depois de explicarmos sobre o compromisso que precisavam ter ao longo do ano, os jovens foram desistindo. Nós não atingimos a quantidade mínima para a realização do projeto. No primeiro dia, tínhamos apenas 14 jovens.

Você deve estar se perguntando: “Mas não eram no mínimo 20?”. Sim, eram! Mas já que tínhamos os 14, investimos neles, afinal,



nosso valor é acreditar no potencial de todos os jovens. Então decidimos juntos – Academia Educar, monitores e a gestão escolar – não desistir da escola.

Nossa primeira oficina foi na sala de aula, porém ali não era o nosso lugar; nosso sonho era que os jovens se apropriassem de outros espaços da escola e sentissem que pertenciam verdadeiramente àquele lugar. Apropriados, poderiam passar a utilizar o que existe de disponível, além de cuidar da escola e buscar melhorias para ela.

Com o apoio da coordenação e da direção, conseguimos autorização para realizar os encontros na biblioteca. Infelizmente, a biblioteca não conta com um profissional que consiga mantê-la em funcionamento, abre apenas com a visita monitorada com os professores.

Abrir a biblioteca para o projeto seria uma forma de os alunos começarem a visitar com frequência um espaço tão importante da escola. Ali seria o nosso cantinho, um lugar aconchegante e diferente para eles, onde faríamos as oficinas, aplicando as dinâmicas para desenvolvimento dos jovens e as mentorias que facilitam e os apoiam na realização dos projetos-desafios.

Chegamos lá e gritamos um “BOOOAAA TAAARRDEEEEE!!” cheio de energia; eles ficaram meio confusos e tímidos, mas mesmo assim



responderam nosso boa tarde, só que com menos animação.

E assim foi durante todo o primeiro semestre, sem muita animação e com bastante timidez. Nossa tradição é encerrar a oficina com o desafio: ninguém pode ir embora sem dar no mínimo um abraço em cada um, mas para eles isso era esquisito, e logo percebemos que alguns jovens não estavam acostumados com demonstrações de afeto e com o “estamos juntos nessa”. Eles eram quietos, sem coragem de expressar o que pensavam e muitos nunca tinham saído do território, o que limitava a visão de mundo.

Quando chegávamos com uma dinâmica que exigia um pouco mais, para eles era desesperador, como o desafio da Expressão Corporal, por exemplo, em que cada um deveria escolher uma música brasileira e expressá-la com o corpo, sem fazer mímica.

Eles tiveram um mês de prazo para planejar a expressão, mas, quando chegou o dia da apresentação, nem todos fizeram, e adivinhe por quê? Eles não confiavam em si mesmos, e a vergonha tomou conta deles.

Nesse momento, precisamos de novas estratégias e, como facilitadores do desenvolvimento desses jovens, propusemos uma roda de conversa para entender os desafios que estavam enfrentando, e juntos achamos uma solução para conseguirem

encontrar coragem e se apresentar, afinal o medo do novo é comum, mas não podemos desistir diante dos obstáculos. Contamos a eles como foi com a gente. As estratégias para enfrentar são pessoais, mas compartilhar nossa coragem e resiliência os inspirou e foi maravilhoso.

Nas mentorias, os monitores facilitam a construção dos projetos de melhorias para as escolas com os jovens, sem a presença de um adulto. E todos nós sabemos que tudo tem um lado bom e um lado que não é tão bom. Pois é, o lado bom é que acontece de jovem para jovem, trazendo assim uma conexão muito grande, tipo aquela que você tem com seu melhor amigo, sabe? O lado não tão bom foi que eles demoraram para entender a importância da mentoria, e alguns faltavam. Então tivemos que conquistar o respeito e o engajamento, para garantir que os projetos-desafios acontecessem e fossem construídos e liderados por eles. Cada jovem se engajou em um momento do projeto, seja em oficinas ou projetos-desafios. Desenvolver pessoas exige paciência e o acreditar diário. Não existe receita de bolo, e cada um desperta de um jeito ou em um tempo diferente do outro.

Nas oficinas, tínhamos os monitores junto com o Adler, a Cris e a Letícia, integrantes da equipe da Fundação Educar, então contamos com a presença de jovens mais velhos que nós

e um adulto. As coisas não funcionavam exatamente como nas mentorias, pois nas oficinas eles não tinham como escapar; com a presença de alguém mais velho, ficavam acanhados em dizer não. A gente trazia a proposta, e eles rapidamente se engajavam. Percebíamos que gostavam da maioria das atividades práticas das oficinas, mas quando chegava a hora de responder: “O que vocês aprenderam com essa dinâmica?”, vixe, até os grilos falavam mais que eles.

Esse contexto nos fez perceber que precisávamos focar profundamente no Aprender a Ser para que eles se descobrissem. Realizamos a oficina Momento do Cuidado, e foi ali que vimos o quanto eles eram especiais. Notamos que, na maior parte das vezes, o que faltava era a atenção de alguém para simplesmente ouvi-los, alguém que realmente acreditasse neles. Essa oficina foi um novo começo. Por meio da pergunta “Qual é o seu maior sonho?”, percebemos que muitos deles não tinham sonhos e nem projetos de vida, e foi difícil ouvir que o maior sonho era “poder ter dinheiro para comprar todas as comidas que eu quisesse para a minha família”. O fato de as respostas dos outros jovens terem sido parecidas com essa, e não as respostas mais frequentes, como “quero ser médica(o)”, “quero ser advogada(o)” ou “quero entrar em uma escola técnica”, nos mostrou a necessidade de garantir um lanche

na atividade da Academia e também começaram a fazer sentido pra gente as discussões sobre a importância de as escolas oferecerem comida na merenda escolar.

Além disso, aquele era o momento de buscar formas de ampliar o repertório para que tivessem condições de encontrar nos estudos uma forma de mudar de vida, gerar renda e ter um projeto capaz de quebrar o ciclo vicioso em que se encontravam.

Então, nas férias, visitamos o Lago do Café com todos os jovens da Academia Educar 2019. Lá eles conheceram um pouco da história de Campinas e do café brasileiro. Também tiveram a experiência de uma oficina de prova de café, com a Daterra, uma fazenda produtiva que se preocupa muito com a sustentabilidade. Lá começaram a perceber que existem muitas profissões que não conheciam. Foi incrível!

No mesmo dia, fomos para o Taquaral - Parque Portugal de Campinas, e para nossa surpresa muitos jovens do Jardim Marisa não o conheciam. A partir daí, eles perceberam que podem e devem ocupar a cidade e usufruir dos espaços públicos.

Visitamos dois colégios técnicos, a ETEC Bento Quirino e o Colégio Técnico de Campinas - Cotuca, com o objetivo de ampliar o repertório de possibilidades públicas de

estudo e desenvolvimento. Passamos um período do dia visitando as feiras que havia lá, mostrando cada área e cursos dos colégios. Muitos dos jovens saíram com uma nova visão, pois a visita despertou o interesse deles pela continuidade dos estudos, que não tinham antes disso; outros até compartilharam com a gente o desejo de prestar a prova para ingressar em um curso.

A partir de então, eles tiveram um novo olhar sobre a escola, começaram a frequentar mais as aulas, influenciando os alunos que não costumavam ir; outros até passaram a gostar mais da escola. Junto com a maior frequência e o engajamento vieram a coragem de se expressar e o desenvolvimento de um olhar mais crítico. Começaram a reparar nos pontos a melhorar da escola e a sentir que podem fazer parte da mudança.

Começamos então a pensar sobre qual seria o Projeto na Escola a ser criado, e iniciamos com o desafio para que eles construíssem uma proposta – da concepção da ideia até a implantação – de um projeto que solucionasse um problema da escola. Escolheram trabalhar o tema respeito, já que existe muita violência na comunidade, que reflete no ambiente escolar, e o fizeram com maestria, contando histórias para as crianças e realizando oficinas com rodas de conversa com os adolescentes da escola.

Foi um projeto ousado, pois decidiram falar com a escola toda, e isso significa mais de mil alunos.

Tudo isso não parece tão complicado, né? Mas, durante o processo, surgiram vários desafios e conflitos! E então, quem poderia nos defender? Bem, dessa vez nem o Chapolin Colorado poderia nos ajudar, quem teria que solucionar os desafios e os conflitos seríamos nós mesmos.

E quais eram esses problemas? Vamos investigar... A falta de comunicação do grupo afetava o andamento do projeto; muitas vezes o desânimo batia, já que eles nunca tinham vivenciado coisas tão desafiadoras, então tudo isso era muito novo e, como de costume, já que essa era a realidade que viviam, eles desanimavam, e muitos até desistiam. Isso para nós era triste, já que tudo refletia no andamento de nossa mentoria.

Vocês lembram da sala de que falamos no começo? Bem, foi aí que mais um desafio apareceu: nossa sala começou a ser ocupada. Logo pensamos: “Hã? Como assim, nossa sala está sendo ocupada? Mas ela está reservada para nossas mentorias e oficinas até o fim do ano, poxa!” Pois é, além das muitas outras demandas, tivemos esse problema da sala. Mas não foi isso que nos desanimou, havia outras salas, e não seria por nenhuma desventura que deixaríamos de realizar nosso projeto,

principalmente porque, nessa altura da jornada da Academia, os jovens já se sentiam parte da escola e ocupavam o lugar deles naquele espaço.

Com a chegada dos desafios, alguns jovens desistiram, mas nós, monitores, não! Tínhamos que olhar para a potência, e ali existem jovens que realmente acreditavam que poderiam ser e fazer a diferença em sua comunidade. Os 10 jovens que permaneceram na Academia mantiveram o brilho e a sede de querer realizar a mudança, e, como já dissemos anteriormente, estávamos todos juntos nessa, então iríamos até o final do ciclo acreditando em cada um deles.

Sem dúvida, a sala meio vazia desanimava, mas não deixávamos a peteca cair! Como sempre falamos: “Lá em cima, ó!”

É motivo de orgulho olhar para trás e ver que valeu a pena acreditar e investir em cada jovem, reforçando as potências e lapidando o que era necessário mudar. Temos certeza de que essa experiência mudou a vida dos que ficaram e de que eles estão mais fortes para continuar agora, perseguindo o projeto de vida deles e contribuindo cada dia mais para um mundo melhor.

E aqui relatamos um pouco do que foi o nosso ano, com seus desafios e descobertas. Ampliamos o nosso olhar e focamos com os olhos do acreditar no potencial dos jovens

daquela escola. Foi importante mostrar um horizonte cheio de possibilidades e oportunidades de aprendizagem para que eles, junto com a gente, pudessem se desenvolver, descobrindo um novo mundo. Foi assim, então, a nossa atuação e experiência como monitores na escola Escola Estadual Jardim Marisa.

E você, sabendo agora de toda essa história, o que aprendeu com tudo isso?



OS
INCOMODADOS
QUE MUDEM O
MUNDO!



Escola Estadual Monsenhor Luis Gonzaga de Moura

Por:

Camilla Pompermayer Sant'anna, 16 anos.

Kaline Nirielle Justino Alves Melo Gomes, 16 anos.

Giovanna Eloisa Brito Gondim, 15 anos.

Matheus Gonçalves de Azevedo, 16 anos.

Mickaelly Thamires Cesar Silva, 15 anos.

Ao chegarmos à Escola Estadual Monsenhor Luis Gonzaga de Moura deparamos com uma realidade totalmente diferente da Escola Estadual Jardim Marisa. O bairro era nobre, e as condições de vida eram melhores, muitas vezes sem chances de comparação; as possibilidades eram maiores, já que o próprio entorno da escola exercia uma boa influência, com lojas grandes, escolas técnicas e particulares e pessoas com maior desenvolvimento socioeconômico, e isso de alguma forma se refletia na escola, ajudando os alunos a ter maior esperança e um repertório ampliado.

Lá na Monsenhor o número de jovens participantes estava dentro do ideal, que era entre 20 e 30 jovens. Ufa, batemos a meta! Além de termos bastante participação, tivemos algumas outras surpresas boas, pois este ano fomos presenteados com a participação de um jovem autista e dois com deficiência intelectual. À primeira vista, parecia ser um desafio, já que não conhecíamos nada sobre as deficiências, mas tínhamos o enorme desejo de incluí-los. Não que não tenha sido desafiador, mas pensa em um desafio bom, com muito aprendizado e muito desenvolvimento para a gente e para eles! Foi a primeira vez, em 30 anos, que a Academia Educar recebeu jovens com essas

deficiências, então o processo todo ficou ainda mais especial.

Com o grupo da Monsenhor, tivemos um início de pouca união; cada um tinha sua opinião dentro de sua bolha, e era difícil para eles lidar com o diferente, mas a Academia provoca muito a reflexão sobre isso. O primeiro desafio estava posto: como será que eles lidariam com tantas divergências? Toda roda era um jogo de batalha naval, até que surgiu um grupo no WhatsApp com o nome de “Os Interessados”, que um jovem criou e colocou só quem achava que eram realmente as pessoas “interessadas” no projeto. Até parece lorota, né? Mas isso realmente aconteceu, e entre os excluídos estavam os jovens com deficiência.

Então nós, monitores, começamos a nos perguntar: “Como resolver esse problema?” “O que estão fazendo?” A expressão deles era de que não queriam resolver nada, não.

Foi aí que percebemos qual era o nosso primeiro desafio, então agarramos isso e fomos em frente.

O problema não estava só no grupo do WhatsApp; existia uma exclusão explícita na formação dos subgrupos de tarefas, e alguns jovens não conseguiam dar ouvidos àqueles que ainda não participavam como eles das atividades.

Foi aí que tivemos uma boa conversa com

todos. Nesse momento, precisamos da mediação da Cris, nossa coordenadora.

Começamos falando que a exclusão entre nós era inadmissível, e que, como protagonistas, não podíamos concordar com isso. Depois, abrimos para cada um incluir suas dores, e os jovens foram colocando na roda o que sentiam em relação a isso, até chegarmos à conclusão de que precisávamos conhecer as pessoas que estão ao nosso lado. Em seguida, lançamos o desafio de pesquisarem sobre autismo e deficiência intelectual para apresentar o resultado no próximo encontro da Academia. Conhecer o assunto e debater os desafios foi o início de um novo momento para o grupo. A partir daí, a inclusão começou a acontecer de verdade, e a melhor notícia do ano foi saber que um dos nossos jovens com deficiência foi elogiado no conselho de professores como o que mais evoluiu no engajamento com os estudos durante o ano.

Apesar dessa conquista, ainda havia muito o que fazer. Em uma das mentorias, dia em que focamos nos projetos-desafios, estávamos falando sobre o Oásis, o mutirão que acontece em um fim de semana para realizar um sonho de uma escola parceira. Nesse dia, os jovens discutiram e não acharam uma solução para o conflito. Então tivemos uma ideia: fizemos uma roda com eles e deixamos cada um falar durante 30 segundos do que precisava do

grupo até o final do ano para todos se sentirem bem; eles falaram com muita coragem e o dobro de consideração. Deu certo, e desde então a comunicação entre nós melhorou.

Agora somos um time muito forte! Um grupo que inclui e usa a comunicação não violenta como ferramenta para fazer dos conflitos situações de aprendizado.

Durante o ano, tivemos muitos momentos especiais. Sabe a oficina de Expressão Corporal que foi citada lá no Marisa? Então, a Monsenhor também recebeu o mesmo desafio, com as mesmas regras: teriam que escolher uma música nacional e fazer a atividade de expressão. No início, alguns ficaram inseguros e até se recusaram a fazer, então lá fomos nós, monitores, novamente; juntamos muita energia e tivemos a ideia de acompanhar e ajudar os jovens que estavam com dificuldade ou até mesmo não tinham entendido direito a proposta. O dia da apresentação chegou e nos surpreendeu bastante. Gostamos de uma frase que diz: "Se está com medo, vai com medo mesmo". Naquele momento, essa frase falou bem alto, pois muitos ali ainda estavam com medo, mas conseguiram se apresentar.

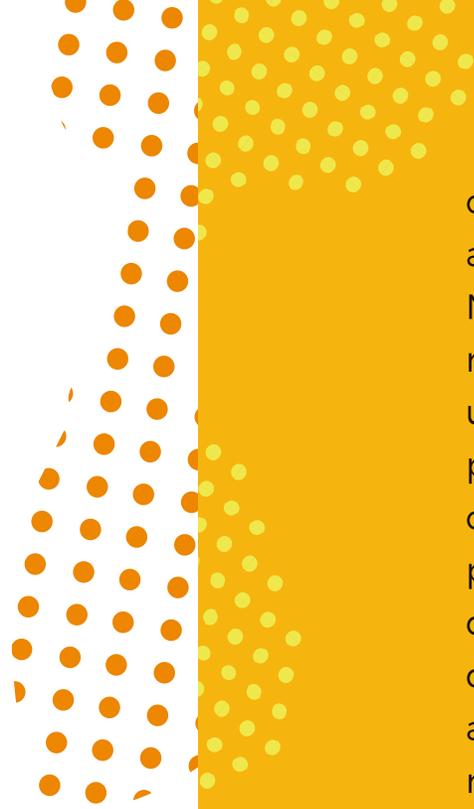
E chegou a hora do primeiro projeto-desafio deles, o momento de colocar em prática tudo o que aprenderam! Chegou a vez do projeto-desafio Oásis Educar, e o processo de



construção até a chegada do dia de mão na massa foi bem trabalhoso e longo. Os jovens tinham que passar nas salas escutando o sonho dos alunos, anotar tudo e depois tabular para ver qual era o mais pedido. Em seguida, teriam que pensar nas estratégias para realizar o Oásis Educar. Durante o percurso, encontramos vários desafios, como fazer o *teaser*, que seria gravado e editado por eles, por exemplo, e teriam que mostrar por que o Oásis Educar deveria acontecer na escola deles. Os vídeos das escolas parceiras foram para votação pública, e a mais votada ganharia o mutirão, liderado pelos jovens.

Sabe aquela vontade de ganhar e aquele espírito competitivo? A Monsenhor tinha isso de sobra! Que por um lado é muito bom, porque eles arrasaram no vídeo, mas por outro lado nem tanto, porque o Oásis Educar tem como carro-chefe a colaboração.

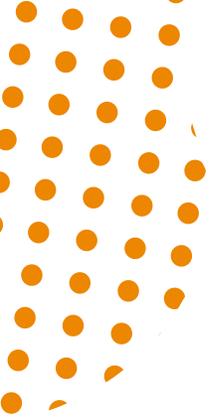
Chegou o dia de lançar a votação no *site*, e eles já estavam superpreparados, compartilharam COM TODO MUNDO, em todas as suas redes sociais. Imagine só a felicidade deles! Mas não conseguiram, a E.M.E.F. Odila Maia venceu, e eles aceitaram superbem, com disposição para ajudar a outra escola no mutirão. Uma grande mudança! Vimos de fato o protagonismo juvenil acontecendo quando aceitaram perder e foram com toda a garra ajudar a outra escola.



O dia tão esperado por todos chegou: colocar a mão na massa e realizar o sonho dos alunos da E.M.E.F. Odila Maia de Rocha Brito! Na visão de alguns, seria um fim de semana muito longo e cansativo, já na de outros seria um dos melhores fins de semana que eles poderiam ter! No primeiro dia nos encontramos cedinho, e eles estavam cheios de energia, passaram o dia trabalhando duro e se dedicando para reformar a escola. No segundo dia, parecia até que era o primeiro, de tanta animação. Foram 150 voluntários juntos! Como nós, monitores, costumamos dizer, eles estavam com “a energia lá em cima”, hahaha!

No final do domingo, fizemos a nossa roda de fechamento do dia, nosso momento “Rexona” - uma roda de abraço que “permite” testar o desodorante do outro, e foi muito gratificante ouvi-los falando que o que ficou do Oásis Educar foi muita dedicação, muito trabalho em equipe, muita resiliência e muito engajamento. Imaginamos o quanto deve ter sido incrível para cada um deles, mas para nós foi espetacular!

Então chegou a hora do Projeto na Escola, mais uma grande oportunidade de desenvolvimento. Cada escola precisava ter dois projetos, então o nome de cada jovem seria sorteado, e assim eles se dividiriam em duas equipes. Lembra que falamos sobre o espírito competitivo deles? Na visão deles,



eram dois projetos, duas equipes, então era sinal de rivalidade. Mas na verdade não era nada disso, precisariam ter dois projetos, sim, mas projetos que se complementassem.

Eles entenderam a proposta, e lá fomos nós novamente! A primeira equipe criou o curso de inglês, porque grande parte dos alunos da escola tinha muita dificuldade, e a segunda equipe criou o PIS - Projeto de Inclusão Social, porque na Monsenhor eles estavam percebendo muita exclusão. Mas não foi tão fácil, viu? Lá vinha mais um projeto que teriam de apresentar para uma banca avaliadora, e a escola com mais pontos ganharia uma visita formativa e cultural.

Quando perceberam a importância da união dos dois projetos na escola, criaram o Inclusion. Desde então, você lembra daquele grupo de que falamos no começo, desunido e cheio de pessoas que não aceitavam opiniões diferentes? Agora eles estavam mais unidos que açúcar União e arroz papa da vovó.

Desistir? Essa palavra estava longe de existir para eles, e, se alguém pensasse nisso, eles davam todo apoio e ajuda de que precisasse para continuar seguindo. Foi tão lindo! A banda finalmente tocava conforme a música, e eles finalmente formaram um grupo que adorava estar junto.

Mas, no meio do caminho, faltando pouco tempo para terminar, os jovens do PIS

desanimaram e resolveram desistir do Projeto na Escola. Foi uma verdadeira tristeza, mas ainda assim aprendemos com isso. Quando existe um obstáculo ou problema, precisamos aprender a entender os motivos, estudar os fatos e buscar as saídas. Mas sem reflexão, estudo, diálogo não há aprendizado.

Conversamos bastante, mas essa decisão seria deles. Decidiram desistir e ficar sem o certificado completo. Para quem está na facilitação, isso pode desanimar, mas entendemos que faz parte do processo. Tudo isso faz parte do processo de desenvolvimento, e lidar com o inesperado nos fez líderes mais fortes.

Aprendemos muito este ano, mesmo com as surpresas, desafios e imprevistos que ocorreram. Tudo isso só veio para fortalecer cada vez mais a equipe e desenvolver muito a nossa resiliência, afinal um protagonista não desiste tão fácil. Foi com muita garra, força, determinação, liderança, amizade e muito protagonismo que vencemos todas as barreiras JUNTOS, como uma equipe. Tudo o que passamos não fortaleceu apenas o grupo de jovens, mas também o dos monitores, além da nossa relação com eles, afinal nunca poderia faltar o nosso cafezinho, não é mesmo?

E que relação! Os abraços, que no começo pareciam cansativos, se tornaram

mais uma demonstração de afeto, que não pode faltar. Se não dávamos o abraço, você acredita que eles vinham atrás? Foi demais, uma relação de jovem para jovem, de amigo para amigo, e isso é gratificante, afinal quem não gosta de ter bons amigos?

E chegamos ao fim de mais uma jornada, de mais uma experiência incrível. Tivemos momentos únicos e aprendemos muito com as diferenças presentes ali, abrindo um mar de descobertas e novas formas de pensar. Estouramos bolhas e abrimos caixinhas, trazendo realidades que muitos não conheciam, afinal os problemas não são resumidos no seu tênis que não é de nova geração ou no seu celular que não é o último lançamento. Mostrando problemas reais, podemos trabalhar com o conhecimento do mundo, despertando protagonistas dispostos a mudar tudo aquilo que os incomoda.

E essa foi a atuação dos monitores na Escola Estadual Monsenhor Luis Gonzaga de Moura!

E para você, o que ficou dessa experiência?

Esperamos que seja muita coisa, afinal aposto que você é mais um dos incomodados que querem mudar o mundo com a gente.





E.M.E.F./E.J.A. Prof^a Odila Maia Rocha Brito

Por:

Beatriz Feitoza Rodrigues de Araújo, 15 anos.

Érika dos Santos de Jesus, 16 anos.

Esthefani Ruivo Araújo, 14 anos.

Giovanna Rosa dos Santos Marques, 14 anos.

Henrique Marques Bazoti, 17 anos.

Quando recebemos a notícia de que a Academia Educar ia mudar o formato, saindo de uma sala própria e atuando com a equipe diretamente nas escolas, ficamos assustados, mas ao mesmo tempo curiosos. Lembramos muito bem do dia em que a Cris chegou superanimada, dizendo “VAMOS PARA AS ESCOLAS!”.

Depois de planejarmos um formato diferente, e que ficou lindo, veio a hora de saber em quais escolas iríamos atuar. Ficamos ansiosos, porque o processo de indicação das escolas demora um pouco: a Secretaria Municipal de Educação indica a escola e depois a equipe da Academia apresenta para a supervisão, em seguida para a gestão e professores - que precisam aderir para que o projeto chegue aos jovens.

Quando a Cris chegou e disse “Vai ser com a Odila Maia”, procuramos saber de tudo: a localização da escola, como chegar, como era o espaço etc. Ficamos superempolgados, imaginando quem seriam os nossos jovens, e quais seriam os nossos desafios...

No primeiro dia de atividade, estávamos nervosos. Quando abrimos a porta para os jovens entrarem, ficamos apreensivos, pois não sabíamos se iriam gostar da gente e como deveríamos conversar com eles, afinal também éramos pessoas desconhecidas e novas para aquele grupo. Mas, quando olhamos aqueles rostos felizes, reparamos na energia que aqueles

jovens transmitiam, e tudo ficou mais tranquilo. Logo soltamos o nosso primeiro bom dia, e dali em diante começaríamos uma nova jornada.

Nos primeiros dias de oficinas, observamos que eles precisavam de atenção, e por isso faziam várias brincadeiras em momentos inoportunos, desfocando das atividades. Então percebemos que as dinâmicas que trabalhavam o pilar Aprender a Ser seriam muito valiosas e importantes para esse grupo, pois auxiliariam na autorregulação e, conseqüentemente, controlariam as brincadeiras, para que soubessem lidar com os momentos em que precisavam de mais foco.

Ao longo do ano, fomos conseguindo colocar essas ferramentas em prática, e problemas desse tipo já não aconteciam com tanta frequência.

Outro ponto que precisamos trabalhar com eles foi a dificuldade de pensar no coletivo. Tínhamos ali um desafio de desenvolver a empatia, provocando a cooperação e a visão do todo. Só dessa forma, deixando o individualismo de lado, os jovens conseguiriam exercer o protagonismo. O maior desafio nisso tudo foi trabalhar as habilidades socioemocionais, como a própria empatia, e o trabalho em equipe nos dias de mentoria, em que só estavam os monitores e o trabalho acontecia totalmente de jovem para jovem. Foi durante os momentos de dificuldade que desenvolvemos ainda mais nossa liderança e conseguimos desenvolver a liderança deles.



O primeiro projeto-desafio que trabalhamos juntos foi o Oásis Educar, que é uma transformação física na escola, que acontece em um final de semana, através de um mutirão voluntário e doações conquistadas na própria comunidade.

Para receber o Oásis Educar, as escolas parceiras tinham que enviar um vídeo contando o sonho da comunidade escolar, que iria para votação popular.

Esse processo todo exigiu deles criatividade para pensar fora da caixinha. E foi isso que aconteceu. Com muito engajamento e força de vontade, os jovens da Odila conseguiram ganhar o Oásis Educar!

Daí embarcamos juntos numa profunda experiência de protagonismo.

Logo que ganharam, veio uma informação da gestão de que a escola havia recebido uma verba para realizar o sonho dos alunos. Receber aquela notícia foi uma mistura de emoções. Por um lado, estavam felizes com a verba, e, por outro, queriam muito liderar um movimento voluntário na escola para a realização do sonho dos alunos. Nesse momento, surgiram várias dúvidas, e passamos horas discutindo: vão doar o Oásis Educar para outra escola, já que conseguiram a verba para realizar o sonho? Qual escola precisa mais do mutirão? Mas e o aprendizado de liderar esse movimento?

Cheios de dúvidas e com várias decisões



a serem tomadas pela frente, os jovens presenciaram um acontecimento que mudou totalmente o rumo do que estavam pensando em fazer. Uma das jovens da Academia estava sendo alvo de *bullying* por ser negra e usar o cabelo com tranças. Ela foi exposta algumas vezes, mas da última vez chorou muito e não queria mais aparecer na escola.

Investigamos com eles o fato e começamos a escutar outros alunos. Descobrimos então que a falta de respeito e o *bullying* aconteciam com frequência, e muitos adolescentes estavam com problemas de automutilação, sentiam-se ansiosos e deprimidos por esses motivos, além de não se sentirem pertencentes ao ambiente escolar. A partir disso, decidiram não doar o Oásis Educar para outra escola e utilizar o movimento voluntário para integrar os alunos e a comunidade, deixar a escola mais bonita e trabalhar o tema respeito por meio de desenhos na porta dos banheiros.

Após essa decisão, a tarefa era conquistar os recursos na comunidade, e então encontramos grandes obstáculos, porque a crise econômica dificultava a doação de materiais por parte dos comerciantes. Mas não desistimos! Com a ajuda dos jovens das outras escolas parceiras, conseguimos concluir essa fase.

Conquistamos também o apoio do

professor de Artes, Caio, que ofereceu uma oficina de desenhos, como voluntário, antes de pintarmos os banheiros. A gestão, representada principalmente pela diretora Laís e alguns professores, ofereceu apoio também.

Tudo pronto para o grande dia: tintas, pincéis, sacos de lixo, pneus para o parque, alimentos para cozinhar para os voluntários e voluntários para todo o mutirão.

Chegou o dia, e foram momentos em que descobrimos juntos nossos talentos e colocamos em prática habilidades como paciência, autocontrole, autoconhecimento, resiliência, trabalho em equipe, entre várias outras.

O segundo dia de Oásis Educar chegou ao fim, ufa! Conseguimos e ficou lindo! Foram 150 pessoas trabalhando por uma escola mais bonita. E o pós-Oásis Educar foi impactante: as crianças ficaram muito felizes, e os adolescentes amaram as pinturas, principalmente as dos banheiros.

Assim como vocês, nós também achávamos que tudo tinha acabado por aí, e que a continuidade do Oásis se daria no Projeto da Escola, com o tema respeito. Mas não foi bem assim. Após três dias, recebemos a notícia de que três pais da comunidade não tinham gostado das pinturas das portas. A maior crítica era para uma porta com o fundo

pintado de rosa, no banheiro masculino.

Os pais fizeram um grupo no WhatsApp para discutir o assunto, e nós começamos a receber os prints das conversas. Todos nós ficamos muito indignados, pois algumas pessoas falavam que estávamos com a bandeira LGBT na escola.

Por conta dos comentários desagradáveis e de toda a problemática, a porta foi retirada e pintada de branco, o que causou um problemão! Emoções como raiva, braveza, indignação, sensação de exclusão da sociedade e até de ódio tomou conta dos jovens participantes da Academia Educar. Nós, monitores, não sabíamos como lidar com esses desdobramentos e a repercussão nas famílias, e logo percebemos que precisávamos pedir a ajuda da Cris, do Adler e da Letícia – equipe técnica da Academia Educar.

A Laís, diretora da escola, recebeu os pais com dúvidas, e a equipe da Academia conversou com os jovens.

Depois de muita reflexão e diálogo, apoiamos a decisão da gestão de convocar uma reunião do Conselho Escolar.

Antes de chegar o dia, os professores, a equipe da Academia, a gestão da escola e nós, monitores, conversamos diversas vezes com os jovens e conseguimos juntos compreender que, para resolver o problema, precisávamos dialogar com respeito, e isso previa uma preparação de fala e escuta.

Durante a reunião do Conselho, a equipe da Academia apresentou o Oásis Educar e o problema, trazendo a importância do diálogo para resolvermos o conflito. Quando os pais que estavam contra a pintura da porta falaram, a postura dos jovens foi incrível: todos ouviram com atenção, e isso gerou um movimento muito importante para a escola. Conseguimos discutir os dois pontos de vista e realizar a votação para decidir o que fazer com a porta. A decisão da maioria foi de manter a pintura.

Foi um momento tenso, mas de muito aprendizado para todos, com uma aproximação entre a escola e a comunidade, entre educadores e alunos. Foi um dia de presenciar e sentir orgulho da recente e potente gestão da Odila Maia.

Os desafios do ano continuaram, e logo outro projeto-desafio entrou no jogo! E esse se chama “Projeto na escola”, que é feito basicamente com a liderança dos jovens para solucionar um problema que a escola enfrenta. Incrível, né? Nos dias de mentoria, organizamos o projeto, as ações e o cronograma. Mas, antes que eles refletissem no que poderiam fazer na escola, tiveram que confirmar qual seria o tema a ser trabalhado. Então passaram em todas as salas e turnos ouvindo a opinião dos alunos, para no final chegarem à conclusão de que o respeito e a diversidade eram as questões que ainda deveriam ser solucionadas.

Para que isso acontecesse, precisariam

ter criatividade para encontrar a solução. Surgiram muitas ideias: criar um aplicativo ou um *site* para trabalhar questões como a ansiedade, montar um sarau, contação de histórias, gincana etc.

A decisão foi falar sobre respeito através da contação de histórias para as crianças e de oficinas para adolescentes. Também estão criando um *site*, com o objetivo de estimular a autoestima e o autocuidado dos leitores.

Durante o processo de implantação, aconteceram vários aprendizados. Por exemplo, quando tudo parecia maravilhoso, num dia de mentoria fomos surpreendidos por uma professora e seus alunos dizendo que estavam aguardando nossa turma para facilitar a contação de histórias com as crianças. Nós só olhamos e pensamos: “gente, como assim?” Soubemos então que uma jovem do grupo marcou a atividade sem avisar ninguém. Naquela hora, tivemos que assumir a atividade, pois era nosso nome que estava em jogo. Fizemos a atividade e depois discutimos o erro para gerar aprendizado. A partir desse acontecimento, os jovens começaram a realmente montar o cronograma respeitando as agendas, apresentando para os professores no TDC – Trabalho Docente Coletivo e para a professora madrinha. O projeto saiu, e muitos jovens se descobriram grandes protagonistas.

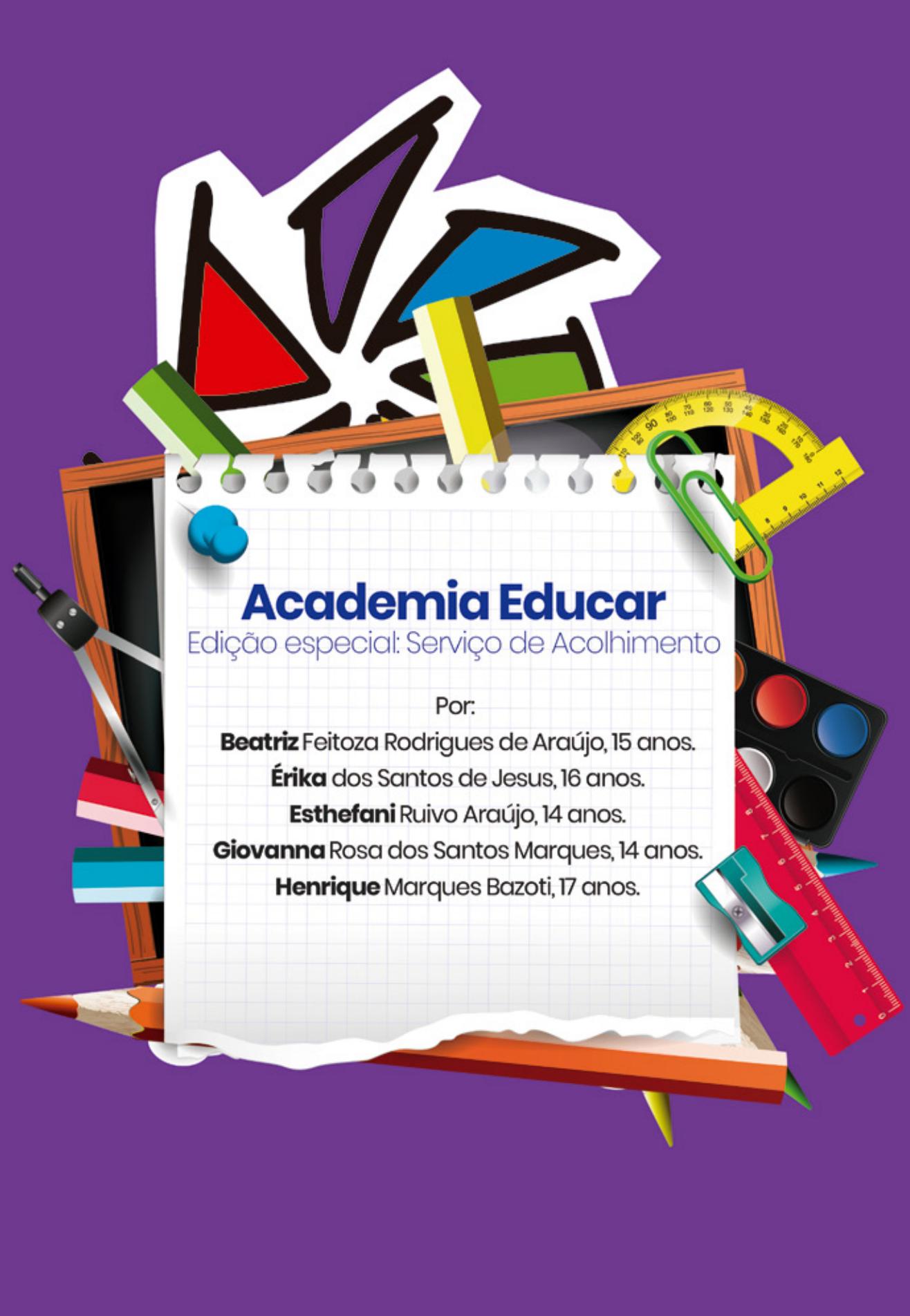
Acreditamos que este ano foi uma experiência de encantamento, e que usamos e

colocamos em prática a palavra acreditar.

Temos um carinho enorme por todos da Academia Educar e por tudo que este ano nos proporcionou. É importante ver que o mundo está sendo transformado por jovens capacitados e protagonistas.

Foi um ano de grande desenvolvimento e de desafios, fala sério, uma jornada bem longa, você não acha? Mas tudo isso tem um propósito ainda maior, que envolve a educação como forma de transformação social, além de colocar em jogo vidas valiosas, que com grandes atitudes fizeram a mudança onde estavam. E é a partir desses momentos que construímos uma sociedade que sabe conviver e que pensa no outro, fortalecendo a democracia. Momentos perfeitos fizeram parte dessa história, e nosso desejo é que a mudança não termine aí, que continue por nós e por você.

Tudo isso foi simplesmente inefável!



Academia Educar

Edição especial: Serviço de Acolhimento

Por:

Beatriz Feitoza Rodrigues de Araújo, 15 anos.

Érika dos Santos de Jesus, 16 anos.

Esthefani Ruivo Araújo, 14 anos.

Giovanna Rosa dos Santos Marques, 14 anos.

Henrique Marques Bazoti, 17 anos.

Todos nós temos uma realidade, passamos por vários desafios durante a vida.

Mas aqui vamos contar para vocês uma realidade que não é um desafio qualquer.

Em 2019, a Academia Educar abraçou a oportunidade de trabalhar com os jovens do serviço de acolhimento de Campinas.

Foi um presente! Imagine ter jovens que permanecem fortes e resilientes para enfrentar todos os dias um novo problema, longe de sua família ou de um cuidador. Essa é a realidade deles!

Era tudo novo para os monitores e a equipe da Academia. Receber jovens do serviço de acolhimento seria um desafio, mas estávamos dispostos a transformar.

Pensávamos em tudo, até no cuidado de como falar, pois qualquer palavra podia confundir ou entristecê-los, por exemplo, não podíamos falar de coisas que vivemos em nossa casa. Então cada frase tinha de ser cautelosa.

No primeiro dia, com tudo pronto, bateu a ansiedade de vê-los. Quando eles entraram na sala, nós os recebemos com nosso tradicional abraço. Eles estranharam.

Nossos encontros eram quinzenais, chegávamos cheios de ânimo e vontade, mas eles não. Alguns bagunçavam ou comiam o



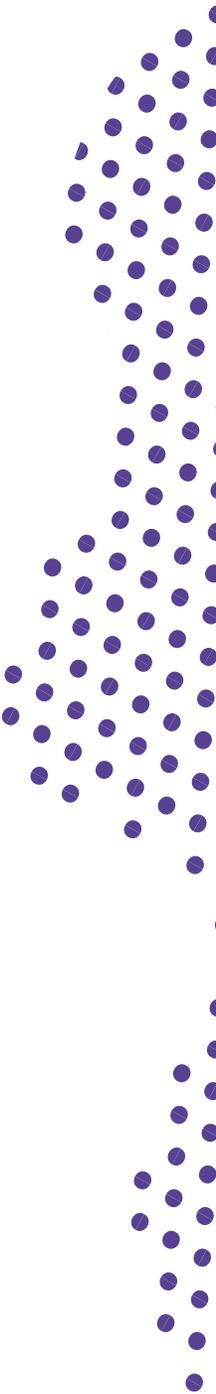
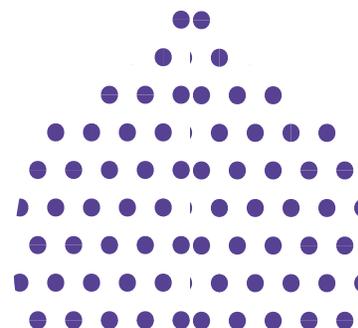
tempo todo. Outros abaixavam a cabeça e diziam que não iam participar. Logo percebemos que não era só oferecer o espaço, as ferramentas e dar aquele empurrãozinho. Tudo era muito mais complexo. Tivemos grandes desafios para conquistá-los.

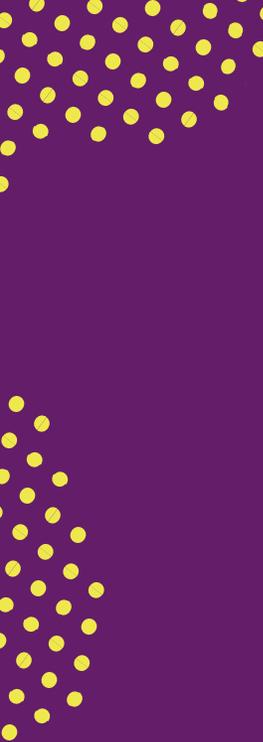
Ali reparamos que tínhamos que desenvolver ainda mais a capacidade de perceber o que não era expressado verbalmente. Com olhar atento aos detalhes e às expressões corporais, começamos a buscar formas de interagir e convidá-los aos poucos para o processo de desenvolvimento.

Mesmo assim, o avanço era muito lento. A gente queria mesmo é ver transformação rápida, mas aprendemos nessa vivência que a paciência é uma grande aliada quando temos enormes desafios.

Demorou para formar vínculo, eles nos chamavam de tia e tio e era meio estranho, até porque temos a mesma idade. Era como se eles estivessem olhando para as pessoas que cuidavam deles, e queríamos mostrar que não éramos tios e tias, e sim amigos e amigas, jovens como eles que conseguiram encontrar dentro de si uma referência, e que seria possível para eles também.

Teve um tempo em que sentamos e começamos a nos culpar por não conseguir, mas aí vieram as primeiras conquistas. Aos poucos, eles não comiam mais durante as atividades, conseguiam nos ouvir e participar das dinâmicas.





Tivemos uma oficina de teatro que foi incrível! Eles aproveitaram as fantasias e pediram para tirarmos fotos. Saímos dali com um sorriso no rosto, porque não eram apenas fotos, eram jovens que não gostavam de se olhar e começaram a admirar o que viam naquelas imagens. Começavam a Aprender a Ser.

A partir daí, descobrimos várias coisas sobre eles. Ali no grupo, tinha gente excluída da escola, gente que não sabia ler, a maioria não expressava nenhuma opinião, quase todos não acreditavam que podiam falar em público, tinha também aqueles que não conseguiam pensar em seus sonhos e alguns que eram rebeldes conscientemente, só para chamar a atenção. Fora isso, todas as histórias... ah, gente, as histórias!

A cada dia, nosso amor por eles aumentava e juntos, com toda a equipe da Academia, ficava mais fácil. Decidimos que não deixaríamos nenhum deles e que iríamos efetivar o Aprender a Ser na vida deles.

No caminho, perdemos cinco: mas só um desistiu porque não quis mais participar do projeto, todos os outros tiveram motivos como mudança de cidade ou retorno para a família.

Os abraços ainda tinham que ir até eles, mas alguns passaram a abraçar mais apertado, cheios de segurança.

Por muito tempo tivemos os desafios da



instabilidade, mas aos poucos a confiança foi crescendo e ouvimos deles que ali era um espaço especial e que não queriam perdê-lo.

Com o vínculo estabelecido, começamos a estimular que ampliassem sua visão de mundo, e dois momentos foram muito decisivos para isso. O primeiro foi no Oásis Educar, quando duas jovens que dedicaram todo o tempo ao trabalho voluntário, desenvolvendo uma incrível capacidade de se relacionar com as pessoas, se descobriram capazes de expressar seus sentimentos e ideias, colocando o que realmente sentem e pensam para o grupo. Daí percebemos que deveríamos convidá-las para participar de outros desafios com os jovens da Academia Educar 2019.

O segundo foi numa visita ao Colégio Técnico de Campinas - Cotuca, onde conheceram cursos técnicos. Após a visita ao Cotuca, receberam o convite de uma ex-monitora da Academia e atual estudante do Colégio Técnico para desenhar os momentos mais felizes de suas vidas em quadros para uma exposição no Trabalho de Conclusão de Curso delas. Foi especial para todos os envolvidos. Aos poucos, começamos a ouvir sobre sonhos e perceber um grupo cheio de esperança!

Ver a mudança neles nos comprovou na prática, cada dia mais, a importância de acreditar na capacidade de todo jovem, sem

rotular, sem achar que não vai dar certo!

Nosso último momento do ano é o encerramento do projeto, e eles farão uma participação muito especial, contando quem realmente são, mas agora com a certeza de que dentro deles existe uma pessoa incrível e capaz de ser sua própria referência para protagonizar a própria história.



A mensagem abaixo é a mistura da **história** desses **jovens contada** no encerramento do ano, por **eles mesmos**.



“Cheguei bem pequenininha, mas ainda lembro da minha vida antes do abrigo. Era tudo muito difícil. Lembro dos gritos, das cintadas, do cigarro queimando minha pele. Ainda são vivos os puxões de cabelo e as vezes que eu me escondia debaixo da cama só para ninguém me perceber.

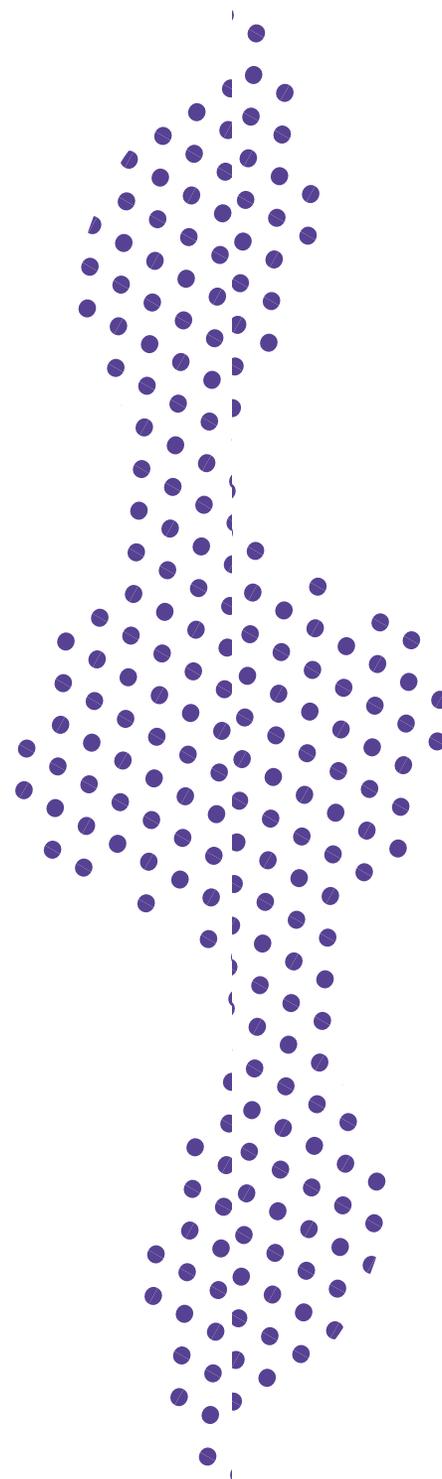
Lembro da Viviane, minha mãe. Acho que até hoje ela não tem noção do tamanho do meu amor. Se eu pudesse falar com a Viviane, diria o quanto sonho em abraçá-la e sentir aquele cheirinho adocicado que ela tem.

A Viviane não deu conta de suportar suas dores e me entregou. Meu pai judiava muito, só lembro disso.

Fui para o abrigo e por lá vivi um tempo. Pela primeira vez alguém penteou meu cabelo com carinho, tirou meus piolhos sem me xingar e me deu uma boneca. A boneca era para ser dividida, mas eu sentia que aquela cópia de bebê com cheirinho de morango era minha. O cheirinho de morango bem no fundo lembrava o perfume doce da minha mãe.

No abrigo eu tinha rotina e uma vida organizada com muitos cuidados, mas ainda assim havia dor. A dor era profunda, porque eu não tinha ninguém para chamar de meu.

As minhas pessoas passaram a não existir e deixaram aqui um vazio imenso, um coração cheio de dúvidas, de medo, de falta de vontade. Uma falta imensa da Viviane.



Estava tudo bem em acordar e ter um passeio, mas tudo bem acordar e não ter nada. Tudo bem acordar e ter um dia ensolarado, mas tudo bem também se ele continuar chuvoso. Aliás, que chuvosa era a minha vida... eu tinha muitos dias nublados. Aos poucos fui crescendo. Hoje, moro numa Casa Lar. É uma casa de verdade, e os tios e as tias fazem de tudo pra ajudar a gente a evoluir. Nós estudamos, comemos muita coisa, temos alguns passeios. Eles cuidam de tudo. Fui muito sapeca em vários momentos! E por um tempo não tinha projeto de vida.

Foi aí que nesses últimos meses despertei e fiquei pensando em quem eu realmente sou... Não é fácil construir tudo isso com poucas referências.

Mas apesar de tão nova e com vivências que exigem tanta maturidade, estou aprendendo a ser minha própria referência. Estou esperançosa e determinada por um futuro cheio de sonhos realizados.

Aprendi a ter mais autoconfiança e a interagir com as pessoas. Aprendi que posso ter amigos e que, independente da situação, sou uma pessoa linda, cheia de vida e garra!

Às vezes dá certo desânimo ou medo, mas ainda assim eu continuo, porque a vida exige essa força de todos nós, e escrever a nossa história necessita de coragem e resiliência...

Às vezes tenho saudade da Viviane ainda, mas hoje tudo está diferente no meu coração. Decidi que vou crescer, realizar meus sonhos com determinação, ser independente, ter minha casa e profissão. Vou longe como um pássaro que sai do ninho!

Posso ter caído no primeiro voo, mas levantei com a força do acreditar e resolvi enxergar que as possibilidades são tão reais quanto as estrelas do céu, e a gente só consegue perceber isso com os olhos do coração.”

Depoimentos



Quando eu era criança, me incomodava ver as pessoas sofrerem, e eu queria fazer algo para ajudar, sonhava em mudar o mundo, torná-lo um lugar melhor para todos. Então... escolhi ser professora. Em meus anos de docência, deparei sempre com grandes dificuldades, e desigualdades também, porém sabia que podia plantar sementes no coração de meus alunos, sementes de esperança de um dia serem pessoas boas, dignas e honestas, e que seriam aquelas pessoas que contribuiriam para a mudança que não era do mundo, mas de seus pequenos mundos. E assim fui observando que, durante a vida, somos protagonistas de nossas histórias, e que todos nós, em algum momento, encontraremos dificuldades a vencer, e o que faz de nossa vida um sucesso não está ligado a dinheiro, mas a pequenas coisas que nos trazem felicidade, realizações, força e sabedoria, como estar em união com nossa família, um lar saudável, cheio de harmonia e amor, ter comida no prato e,

claro, um pouco de diversão. Com o tempo fui percebendo que esses desejos estavam escassos na vida de meus alunos. No entanto, fui posta à prova: ser coordenadora da Escola Estadual Jardim Marisa. Quando cheguei naquele local, deparei com cadeiras sendo defenestradas pelos alunos, um ambiente totalmente depredado, fúnebre e desesperador. Após um pequeno tempo, fiz aliança com o pessoal do Projeto Academia Educar DPaschoal. E assim iniciamos com a seleção dos alunos, foram cinco alunos no ano de 2018. Contudo, aos poucos, a escola foi ganhando outra cara; não se viam mais carteiras e cadeiras sendo atiradas janelas abaixo. Foi-se estabelecendo a importância do protagonismo entre os alunos dentro da escola e contamos também com um grêmio atuante, e assim fomos abençoados com o projeto Oásis, e a quadra de nossa escola e os banheiros ganharam cores e desenhos, frases motivadoras. Agora estamos na segunda etapa dessa parceria, em 2019, entre Coordenação, Projeto Educar e alunos protagonistas, em busca da consolidação de uma identidade para nossa escola. Não é fácil, é preciso galgar muitos degraus ainda, mas já demos grandes passos para mudar a história daquele lugar, uma mudança no mundo de alguns alunos que têm histórias tristes para contar, mas que hoje são protagonistas e escrevem suas histórias com dignidade e presenciam a felicidade, alunos esses que entenderam o que é ser um herói sem poderes, e sabem que juntos temos o poder da esperança para transformar o mundo que vivemos num lugar melhor.



Wagner Galesco Novaes

Coordenador pedagógico
da Escola Estadual
Monsenhor Luis
Gonzaga de Moura

No início de 2019, sabíamos que os desafios para tornar a escola um espaço acolhedor, significativo, eram inúmeros. Durante a época do planejamento e das eleições do grêmio estudantil, recebemos a equipe da Academia Educar, que nos apresentou o seu projeto, e percebemos que teríamos grandes aliados, engajados no desenvolvimento dos jovens e alinhados com os anseios de nossa escola. Felizmente, conseguimos formar a turma e efetivar a presença da Academia em nossa escola.

Já no início do projeto, notamos que os nossos alunos assumiram posturas mais responsáveis e atitudes engajadas com as questões da escola, as fragilidades dos colegas e um olhar mais humano para o ambiente escolar. Outro ponto bastante marcante foi o acolhimento dos nossos alunos da educação especial, que foram acolhidos como iguais, fazendo assim que o verdadeiro significado de inclusão se fizesse presente no ambiente escolar.

Durante o ano de 2019, enfrentamos vários desafios, e com certeza os alunos da Academia Educar foram além das expectativas, tornando-se verdadeiros parceiros da escola. Foi um ano de muito aprendizado, em que aprendemos com os acertos e as frustrações, em que os alunos aprenderam a pedir e a oferecer ajuda. Os projetos realizados pela equipe da Academia, em que os alunos da educação especial apresentaram trabalhos e desenvolveram seu próprio protagonismo, vencendo suas dificuldades, encheram nossos corações de felicidade e esperança, como educadores e cidadãos.

Somos privilegiados por ter recebido o projeto em nossa escola, pois conseguimos proporcionar aos alunos, participantes ou não, a experiência de olhar sua escola de dentro e de fora, e não somente pelo aspecto técnico de formação regular, mas como um espaço de desenvolvimento integral humano, que vai além da formação profissional, um espaço de transformação social.

Esperamos que nossa parceria com a Academia Educar perdure pelos próximos anos e que juntos consigamos manter esse trabalho de tamanha qualidade em prol da construção de um país melhor.

Depoimentos dos Monitores



Beatriz F. R. de Araujo



Camila P. Sant'anna



Érika dos Santos de Jesus

Essa experiência pra mim foi espetacular! Aprendi e me desenvolvi através das oficinas e dos projetos-desafios; consegui ampliar minha visão de mundo para conseguir alcançar meus objetivos. Nunca imaginei que seria selecionada para ser monitora, porém, sempre tem aquela pessoa que acredita em você, e aqui estou eu na monitoria, fazendo parte da mudança do mundo.

O ano de monitoria, para mim, foi aquele ano de enxergar esperança nas pessoas e nos lugares. É muito bom saber que você está ali em desenvolvimento, mas é muito melhor saber que, de alguma maneira, você influencia a vida de outros jovens. Foi o ano em que o meu acreditar realmente se tornou verdadeiro. Na Academia sempre falamos que o que não tem explicação chamamos de "inefável"; a monitoria foi inefável para mim.

Coração congelado para o novo modelo da Academia Educar, e é do novo que precisamos! Eu me desenvolvi muito este ano e amadureci. Ser monitor é bem mais do que facilitar oficinas, e sim ser um mobilizador. A palavra que fica é acreditar!



Essa experiência, para mim, foi um importante momento de desenvolvimento, e me proporcionou uma das mais incríveis oportunidades para contribuir com a mudança do mundo.



Essa experiência, para mim, foi mais do que incrível! Um ano em que aprendemos com a mudança, com os desafios que foram enfrentados através da persistência de pessoas que acreditam no protagonismo juvenil. Foi uma jornada de grande desenvolvimento, de assistir bem de perto às evoluções das escolas e de reconhecer realidades diferentes da nossa. Sou grata por todas as oportunidades e experiências que construíram o meu "eu" e transbordaram em outros jovens.



Foi incrível ter a experiência de monitora. É muito mágico olhar para o desenvolvimento particular de cada jovem e saber que tive um pontinho de influência, e é ainda mais especial olhar para mim mesma e ver que também evoluí. A Academia Educar me traz a capacidade de acreditar, consigo olhar para algo sem luz e enxergar esperança e mudança. Este ano, além de tudo, serviu para reforçar que ainda existem pessoas incomodadas e dispostas a mudar o mundo; eu sou e quero continuar sendo uma delas



Quando recebi o convite para ser monitor, logo de cara já senti uma responsabilidade enorme, me senti quase um super-herói; também lembro de um sentimento que não consegui descrever. Nunca pensei que poderia ser capaz de aprender tanta coisa em tão pouco tempo, de conhecer tanta gente incrível e de fazer amizades que quero levar pra toda a vida. Em poucas palavras, essa experiência, esse sentimento, para mim, foi inefável!



Essa experiência para mim... foi como uma montanha-russa, onde você respira fundo e só vai! O que falar de um aprendizado tão desafiador e gratificante? Poder ajudar e ser ajudado? O sentimento só não é de trabalho cumprido, porque ainda temos muita história pela frente, mas a sensação é como a de tomar aquele picolé bem gelado para refrescar no calor. Um conforto por saber que fez sua parte e contribuiu para a vida de jovens protagonistas.



Eu costumo falar que foi muito mais do que experiência, a Academia foi uma explosão de conhecimentos com aprendizados, sabe? Eu, por exemplo, sempre fui muito difícil de entender meus sentimentos, eu sempre fui "durona", e a Academia me proporcionou o SABER LIDAR com tudo isso. Sem contar a grande oportunidade que tive de aprender ao lado de jovens incríveis, entre eles autistas e deficientes intelectuais, e pude ajudá-los a se descobrir, saindo da caixinha deles e descobrindo um mundo inteiro lá fora. Tudo foi incrível! Ver realidades distintas, jovens que mudam o mundo e, claro, muita DIVERSIDADE. Eu só tenho a agradecer a cada dia, cada oficina, e cada jovem vai ter sempre um lugar guardado no meu coração.



Essa experiência, para mim, foi extraordinária, cheia de aprendizagem e autoconhecimento. Um ano em que pude ver, com os olhos do acreditar, o potencial de muitos jovens. Foi como o voo de um pássaro que espalha sementes, as sementes do saber, do aprender e do realizar. Vieram tempestades, mas me mantive forte. Ao nascer do arco-íris, levantava voo e espalhava novamente as sementes, afinal, sem a chuva, elas não se põem a germinar. Seguindo como protagonista, acredito que sou uma incomodada mudando o mundo.



Depoimentos dos Jovens

E.M.E.F./E.J.A. Odila Maia Rocha Brito

A Academia Educar me ajudou, eu realmente acho que é uma história de superação, pois antes de entrar para a Educar eu não tinha o mínimo de expectativas de vida, por sofrer com depressão e altas crises de ansiedade. Eu não estou dizendo que eles me curaram, mas sim que me ensinaram a valorizar minha vida, me ensinaram valores e diversas habilidades para ser uma pessoa melhor. Eu cresci como pessoa, desenvolvi o protagonismo, e o melhor de tudo foi que ganhei uma família que muda o mundo juntos!



Ana K. da Silva

15 anos

Escola Estadual Monsenhor Luis Gonzaga de Moura

A Academia Educar mudou completamente o meu jeito de pensar e agir, não só na minha desenvoltura e na comunicação, mas também até onde podemos chegar com nossa força de vontade. Percebi que, com nosso esforço, mesmo sendo poucos em relação a toda a escola, podemos buscar soluções e realizar feitos para mudá-la.

Eu passei a olhar todos os ambientes de forma diferente, principalmente a escola, olhar os defeitos, qualidades e o que nós podemos melhorar, fazendo parte das soluções para diversas situações. Aprendi a correr atrás da mudança, mesmo que isso demande um tempo e um grande esforço. E todo o apoio e as orientações dos monitores foram extremamente essenciais pra tudo isso, por sempre estarem nos motivando e acreditarem em nosso potencial quando nem nós mesmos acreditávamos.



